

**/t/ /d/ OU /ɪd/? UM ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO DO MORFEMA -ED DOS
VERBOS REGULARES NO PASSADO EM INGLÊS POR FALANTES
BRASILEIROS**

**/t/ /d/ OR /ɪd/? A STUDY ABOUT THE PERCEPTION OF THE -ED MORPHEME
IN REGULAR ENGLISH VERBS IN THE PAST BY BRAZILIAN SPEAKERS**

Carolina Laurino ROSSINI¹
Bruna Nóbile FRACARO²
Maria Lúcia de Castro GOMES³
Andressa BRAWERMAN-ALBINI⁴

RESUMO: No processo de aquisição de uma língua estrangeira, o aprendiz encontra sons diferentes daqueles de sua língua materna. A não percepção dessas diferenças pode interferir na pronúncia do falante, o que pode resultar em problemas de inteligibilidade frustrantes para o aprendiz. No caso dos falantes brasileiros de inglês, aponta-se a dificuldade na produção de verbos regulares no passado, com a possível inserção de vogais epentéticas. Com base nesse cenário, a presente pesquisa busca investigar a percepção das diferentes pronúncias do morfema *-ed* nos verbos do passado regular da língua inglesa por aprendizes brasileiros. Para tanto, são aplicados testes de discriminação e identificação a alunos de um curso de Letras. Os resultados mostram que os alunos obtiveram, no total, uma média de 72,4% de acertos. É possível, ainda, identificar uma maior facilidade por parte dos alunos com relação à tarefa de discriminação do que com relação às tarefas de identificação. Por fim, percebe-se uma dificuldade maior na identificação do morfema /d/, seguido por /ɪd/ e /t/. A partir dos resultados encontrados, busca-se levantar algumas reflexões acerca da importância de testes e treinamentos de percepção, bem como do ensino explícito de pronúncia nas aulas de língua inglesa.

PALAVRAS-CHAVE: Língua Inglesa. Percepção. Passado regular. Morfema *-ed*.

ABSTRACT: In the process of learning a foreign language, the speaker comes across different sounds from the ones they have in their first language. The non-perception of these differences may interfere in their pronunciation, which may lead to intelligibility problems that can make the speaker frustrated. When it comes to Brazilian English speakers, it is believed they have difficulties to produce regular verbs in the past - to which they tend to add an epenthetic vowel. Based on this scenario, this research aims at investigating the perception of the different *-ed* morphemes in regular English verbs in the past by Brazilian speakers. In order to do so, discrimination and identification tasks were performed by language students. The results show that the participants had, altogether,

¹ Graduada em Licenciatura em Letras. Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba – PR – Brasil. E-mail: carolinarossini@outlook.com.

² Graduada em Licenciatura em Letras. Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba – PR – Brasil. E-mail: bruna.fracaro@hotmail.com.

³ Doutora em Letras. Professora do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba – PR – Brasil. E-mail: malugomes@utfpr.edu.br.

⁴ Doutora em Letras. Professora do Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba – PR – Brasil. E-mail: andbraw@utfpr.edu.br.

an average of 72,4% accuracy. It is also possible to point out that the discrimination task seemed to be easier for these students than the identification task. Finally, it can be noticed that the morpheme /d/ is harder for the participants to perceive, followed by /Id/ and /t/. Considering these results, this article considers the importance of tests and perceptual training as well as explicit pronunciation teaching in English classes.

KEYWORDS: English. Perception. Regular Past. -ed Morpheme.

1 Introdução

Ao aprender uma língua estrangeira (L2), o falante depara-se com um inventário de sons e padrões silábicos em que muitos são diferentes daqueles existentes em sua língua materna (L1). No entanto, o aprendiz tem muitas vezes dificuldade em perceber essa diferença segmental. De acordo com Flege (1995), uma das causas de sotaque ao falar uma língua estrangeira deriva da percepção incorreta dos sons da L2. O sotaque, por sua vez, quando não inteligível, pode frustrar o falante em situações de comunicação ou desmotivá-lo a aprender o idioma. O falante necessita, portanto, ajustar sua pronúncia de acordo com a situação comunicativa na qual se encontra, garantindo a inteligibilidade (JENKINS, 2000).

No caso dos aprendizes brasileiros de inglês, uma característica que pode ser comumente observada é a da realização de vogais epentéticas na pronúncia de verbos do inglês no passado regular (ALVES, 2004; DELATORRE, 2006; GOMES, 2009, 2014), fato que pode dever-se à não percepção das três diferentes pronúncias do morfema *-ed* nesses verbos, ou seja, os alomorfes /t/, /d/ e /ɪd/. Em seu *Lingua Franca Core*⁵, Jenkins (2000) não foi específica quanto à pronúncia de palavras que terminam com o morfema *-ed*, mas incluiu encontros consonantais na lista de itens que podem causar problemas na inteligibilidade e, portanto, devem receber prioridade pedagógica.

Com base nesse cenário de aquisição de inglês como L2, este estudo tem por objetivo investigar a percepção das diferentes pronúncias do morfema *-ed* nos verbos do passado regular da língua inglesa por aprendizes brasileiros. O fato que motivou a presente pesquisa é a hipótese de que existe uma relação entre a produção e a percepção, conforme sugerido pelo modelo *Speech Learning Model* (SLM) de Flege (1995), o que torna estudos perceptuais relevantes para a aquisição de uma segunda língua. De acordo com o modelo,

⁵ *Lingua Franca Core* é uma lista de aspectos da pronúncia do inglês que, segundo Jenkins (2000), seriam cruciais para garantir a inteligibilidade do falante em um ambiente de Inglês como Língua Franca.

aprendizes de uma L2 podem ter dificuldades no discernimento de diferenças fonéticas entre pares de sons na segunda língua, ou entre os sons da L2 e da L1, tanto pelo fato de que sons fonologicamente distintos na L2 são assimilados em uma única categoria e/ou porque a fonologia da L1 filtra aspectos dos sons da L2 que são importantes foneticamente mas não fonologicamente. O modelo propõe que sem alvos perceptuais precisos para guiar a aprendizagem sensório-motora de sons da L2, a produção dos sons dessa língua vai ser incorreta, mas não defende que todos os erros de produção na L2 são decorrentes de questões perceptuais.

Portanto, por mais que a não percepção de um som não seja necessariamente a razão para todos os erros de produção em inglês, essa seria uma das possíveis razões e merece atenção e estudo para que o ensino de pronúncia possa ser mais eficaz. Conforme indicado por Flege (1995), não se trata apenas de identificar um som, mas de distinguir também pares de sons de uma L2 ou da L1 com a L2. Levando-se isso em conta, destaca-se a relevância da prática de pronúncia em sala de aula, seja através de treinamentos ou atividades de percepção, ou pelo uso de instrução explícita. Em ambas as formas, a atenção dos alunos estaria focada no segmento ou suprasegmento trabalhado, podendo gerar uma melhora na produção do mesmo.

Tendo em mente a hipótese de que a percepção e produção estão intimamente relacionadas, este trabalho relata uma pesquisa com foco na A. A partir de estímulos gravados por falantes nativos de língua inglesa, testes de discriminação e de identificação foram elaborados e aplicados a alunos de inglês em uma disciplina de um curso de Letras.

Este artigo está dividido em quatro seções. Na Seção 2, há uma breve revisão de literatura acerca de estudos sobre o morfema *-ed*. Em seguida, encontra-se a seção que descreve a metodologia adotada para a presente pesquisa. Na Seção 4, são apresentados os resultados e, por fim, na Seção 5, comenta-se sobre as implicações pedagógicas e limitações deste trabalho, bem como sugestões de futuras pesquisas na área.

2 Estudos sobre a pronúncia do morfema *-ed*

No Brasil, existem alguns estudos que tomam a pronúncia do *-ed* como objeto de estudo (e.g. Frese, 2006; Delatorre, 2010; Gomes, 2009, 2014). No entanto, a maior parte

dessas pesquisas detém-se à investigação da produção de enunciados e não da percepção, com exceção de Frese (2006), que investiga a relação entre ambos os domínios. Esta seção destaca, portanto, algumas pesquisas sobre esse morfema.

Frese (2006) realizou um estudo voltado para a relação entre percepção e produção do morfema *-ed* em verbos regulares do inglês. O estudo contou com 32 brasileiros que frequentavam aulas de inglês avançado. Para a realização da pesquisa, Frese aplicou dois tipos de teste: um de percepção e um de produção, que tinham como foco os três alomorfes do *-ed*: /t/, /d/ e /ɪd/. Os resultados mostraram uma relação entre percepção e produção do *-ed* estatisticamente significativa. A média de acertos encontrada no teste de percepção com o *-ed* pronunciado /ɪd/ foi significativamente maior do que as médias de /t/ e /d/. O mesmo aconteceu com a média do teste de produção, em que /ɪd/ foi estatisticamente maior do que as de /t/ e /d/.

Delatorre (2010) buscou investigar a relação entre produção e transcrição fonética a partir de testes que tinham como foco a pronúncia dos verbos regulares do inglês no passado. Para tanto, a pesquisa contou com dois brasileiros falantes de inglês, considerados aprendizes iniciantes na língua. Os falantes foram solicitados a gravar 65 frases que continham, cada uma, um verbo regular do inglês no passado. Visto que os participantes tiveram que ler as frases, a pesquisadora pôde, ainda, verificar a relação entre ortografia e pronúncia. Após a gravação, os participantes tiveram que ler na tela do computador os mesmos verbos que haviam gravado, fora das frases, e em transcrição fonética. No entanto, além da transcrição de cada verbo, havia uma coluna com uma segunda transcrição que continha epêntese. Os participantes deveriam, portanto, indicar qual seria a transcrição correta. Os resultados não comprovaram a hipótese de que existe uma relação entre produção e transcrição fonética, visto que apesar de terem produzido uma vogal epentética na maior parte dos casos, os participantes apontaram a transcrição da maioria dos verbos corretamente. No entanto, a autora concluiu que a ortografia interferiu na produção dos participantes da pesquisa, devido ao grande nível de produção da vogal epentética no final dos verbos regulares.

Gomes (2009) analisou enunciados em inglês produzidos por informantes brasileiros em diferentes níveis de proficiência na língua. A principal hipótese levantada foi a de que o falante de português brasileiro realiza modificação silábica por meio de epêntese na produção de palavras com o morfema *-ed*, sob a influência de diversas variáveis, entre elas o nível de proficiência, a ortografia, o contexto fonológico e a frequência da palavra. Os resultados mostraram que as hipóteses, que sempre relacionavam uma das variáveis com a produção de epêntese, foram, de modo geral, confirmadas. Com base nos resultados encontrados, a pesquisadora defende que o "professor deve se preocupar com o ensino explícito da pronúncia desde o início do aprendizado, fornecendo ao aluno os detalhes fonéticos dos novos sons da língua estrangeira" (GOMES, 2014, p. 185).

Alguns estudos focaram treinamento e instrução explícita para a melhora da pronúncia. Mariano (2009) realizou um estudo com dois diferentes métodos de ensino de pronúncia de verbos no passado regular com dois grupos de alunos de nível iniciante. Um grupo foi sujeito a um treinamento com um manual de pronúncia baseado em exercícios para a prática de percepção e produção e o segundo grupo foi exposto também à instrução explícita, pois recebeu o mesmo manual de pronúncia, mas com explicações sobre as regras que orientam cada tipo de pronúncia desse morfema. A autora concluiu que o grupo exposto à instrução obteve um efeito positivo, enquanto apenas o treinamento não ofereceu resultados significativos.

Ainda nessa linha, Delatorre (2014) investigou o efeito da instrução na pronúncia de verbos regulares terminados em *-ed* produzidos por uma graduanda de Letras/Inglês durante cerca de dois anos. Após três semestres de estudo de pronúncia do inglês, duas sessões de instrução de 90 minutos cada, específicas sobre a pronúncia do morfema e de instrução sobre a produção das consoantes do inglês, os resultados mostraram que a realização inadequada de epêntese vocálica diminuiu consideravelmente.

Os estudos relatados demonstram, portanto, não só a dificuldade da pronúncia do *-ed* para brasileiros como também a importância do ensino da pronúncia dos três alomorfes com instrução explícita em sala de aula. A partir disso, a Seção 3 relata a metodologia utilizada neste estudo, que investiga a percepção do morfema *-ed* por estudantes brasileiros.

3 Metodologia

Esta pesquisa contou com a participação de 14 estudantes de Letras Português/Inglês de uma universidade federal do sul do país. No momento da pesquisa, todos haviam recebido 450 horas de instrução formal em língua inglesa na instituição.

Para a elaboração do teste de percepção que compôs este experimento, foi realizada, primeiramente, uma seleção de verbos regulares da língua inglesa no passado. Optou-se por selecionar esses verbos a partir do livro didático utilizado pelos alunos, pelo fato de que o vocabulário trabalhado seria familiar aos participantes da pesquisa. Após a seleção dos verbos, realizou-se a gravação dos dados utilizando-se o programa *Audacity*, em um laboratório acusticamente isolado. Para a gravação, contou-se com dois falantes nativos de inglês (um masculino e um feminino), que produziram a sentença veículo *I say X*, em que *X* seria o verbo utilizado como estímulo para o teste. No total, realizou-se o corte de 90 estímulos a partir das sentenças gravadas. Esses estímulos foram adicionados ao programa criado utilizando-se o Microsoft Access 2003[®], que foi utilizado para a aplicação do teste. No programa, o teste foi dividido em três blocos, que serão detalhados mais adiante. A reprodução dos estímulos foi feita de maneira pré-aleatória e a partir dela os alunos realizaram tarefas de discriminação e de identificação. Ao fim do teste, o próprio software liberava tabelas do Microsoft Office Excel contendo os acertos e erros de cada participante para cada estímulo. Essas tabelas foram utilizadas para a análise dos dados, conforme será discutido na Seção 4.

A aplicação da pesquisa ocorreu em um laboratório de computadores da instituição durante as aulas de língua inglesa dos participantes. Divididos em dois grupos, os alunos se encaminharam ao laboratório e receberam as primeiras instruções sobre o teste, que teve duração média de 20 minutos. Ao final, foi solicitado aos alunos que preenchessem um questionário com algumas informações que auxiliariam a traçar o perfil desses participantes. Em geral, destaca-se o fato de que todos os estudantes, no momento do teste, tinham entre 17 e 26 anos, e a maioria não tinha experiência com a língua inglesa antes de entrar na instituição. Além disso, nenhum dos participantes afirmou ter morado em país falante de língua inglesa até o momento em que o teste foi aplicado.

Conforme mencionado anteriormente, o teste foi dividido em três blocos. Após o término de cada bloco, aparecia na tela uma janela em que se lia *Break*, que permitia ao participante um intervalo entre os blocos caso optasse por descansar. Além disso, durante todas as tarefas, havia na tela um botão com a opção *Play again*. O participante poderia apertar o botão quantas vezes fossem necessárias, até sentir-se confiante para marcar a opção que considerava correta na tarefa.

O Bloco 1 do teste consistiu em uma tarefa de discriminação, constituída por 30 estímulos. Cada estímulo foi composto por dois verbos do inglês de uma sílaba, por exemplo "*killed_wanted*", "*lived_cried*" e "*liked_helped*"⁶. Os participantes tiveram que ouvir os estímulos atentando para o morfema *-ed* dos dois verbos, para que assim pudessem classificá-los clicando em um dos botões que aparecem na tela: *S (same)* ou *D (different)*. Essa tarefa permitiu ao participante apontar se o morfema *-ed* dos pares de verbos em questão possuíam ou não a mesma pronúncia (/t/, /d/ ou /ɪd/).

O Bloco 2 consistiu em uma tarefa de identificação, em que os alunos ouviram 30 estímulos. Todos eram verbos regulares da língua inglesa no passado e continham apenas uma sílaba em sua forma no infinitivo, como "*watched*", "*hated*" e "*called*"⁷. Ao ouvirem o estímulo, os participantes deveriam optar por um dos três botões que apareciam na tela: /t/, /d/ ou /ɪd/. Essas opções eram referentes à pronúncia do morfema *-ed* do estímulo em questão e os participantes deveriam apontar qual dessas opções correspondia à pronúncia referente a esse estímulo.

Por fim, no Bloco 3 do teste os alunos deveriam realizar mais uma tarefa de identificação. Nessa etapa, os 30 estímulos selecionados foram verbos da língua inglesa que continham duas sílabas no infinitivo, como "*attached*", "*arrived*" e "*completed*"⁸. Novamente, os alunos foram solicitados a escolher uma das três opções que apareciam na tela referentes à pronúncia do morfema *-ed* - /t/, /d/ ou /ɪd/- do estímulo escutado. Ao final desse bloco, o participante deparava-se com uma janela em que se lia *The end*, indicando que o teste havia chegado ao fim.

⁶ A lista completa dos estímulos utilizados encontra-se no Apêndice 1.

⁷ A lista completa dos estímulos utilizados nesse bloco encontra-se no Apêndice 2.

⁸ A lista de estímulos utilizados nesse bloco encontra-se no Apêndice 3.

A Seção 4 apresenta e discute os resultados encontrados a partir da análise dos dados deste experimento.

4 Resultados

Conforme mencionado na Seção 3, a contagem dos acertos para cada bloco do teste foi realizada a partir dos dados fornecidos pelo próprio programa de testes. Assim, a Tabela 1 mostra o número e o percentual de acertos de cada participante para o Bloco 1 do teste (de um total de 30 estímulos).

Tabela 1 - Total de acertos por participante no Bloco 1 (tarefa de discriminação)

Ouvinte	Nº de acertos	% de acertos
P1	18	60%
P2	28	93,33%
P3	23	76,67%
P4	20	66,67%
P5	20	66,67%
P6	27	90%
P7	22	73,33%
P8	24	80%
P9	23	76,67%
P10	23	76,67%
P11	22	73,33%
P12	22	73,33%
P13	22	73,33%
P14	30	100%
TOTAL	23,1	77%

Fonte: Os autores (2017)

É possível observar que o teste de discriminação que constituiu o Bloco 1 apresentou, de modo geral, um número considerável de acertos. Nenhum dos participantes

obteve menos de 60% de acertos nessa etapa do teste e, no total, a média de acertos foi 23,1 (77%). Destacam-se os participantes P14, que atingiu 100% de acertos, e P2, que atingiu 93,33%.

O Bloco 2 do teste, que consistiu em uma tarefa de identificação composta por 30 estímulos de uma sílaba no infinitivo, tem seus resultados expostos na Tabela 2.

Tabela 2 - Total de acertos por participante no Bloco 2 (tarefa de identificação – uma sílaba)

Ouvinte	Nº de acertos	% de acertos
P1	16	53,3%
P2	26	86,6%
P3	27	90%
P4	20	66,6%
P5	28	93,3%
P6	10	33,3%
P7	27	90%
P8	20	66,6%
P9	13	43,3%
P10	19	63,3%
P11	22	73,3%
P12	19	63,3%
P13	16	53,3%
P14	30	100%
TOTAL	20,9	69,7%

Fonte: Os autores (2017)

Pode-se observar que a média dos resultados obtidos pelos participantes no Bloco 2 do teste foi inferior à do Bloco 1. Em geral, a maior parte dos participantes atingiu mais de 50% de acertos, resultando em uma média de 20,9 acertos (69,7%) no total. O participante

P6, por exemplo, apresentou 33,3% de acertos, apesar de ter tido 90% de acertos no Bloco 1. Por outro lado, o participante P14 obteve, mais uma vez, 100% de acertos.

Os resultados do Bloco 3 do teste, que também consistiu em uma tarefa de identificação, mas com 30 verbos de duas sílabas no infinitivo, encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3 - Total de acertos por participante no Bloco 3 (tarefa de identificação – duas sílabas)

Ouvinte	Nº de acertos	% de acertos
P1	21	70%
P2	30	100%
P3	26	86,6%
P4	20	66,6%
P5	24	80,0%
P6	10	33,3%
P7	25	83,3%
P8	24	80%
P9	17	56,6%
P10	16	53,3%
P11	21	70%
P12	18	60%
P13	18	60%
P14	30	100%
TOTAL	214	71,4%

Fonte: Os autores (2017)

Os dados apresentados na Tabela 3 mostram que o Bloco 3 é intermediário em comparação com os Blocos 1 e 2 quanto à média total de acertos, isto é, 71,4%. Nesse bloco, apenas um participante apresentou resultados inferiores a 50%, e dois dos participantes obtiveram 100% de acertos (P2 e novamente P14).

Com base nos resultados descritos acima, pode-se afirmar que os falantes obtiveram mais acertos no teste de discriminação do que nos testes de identificação. Uma possível explicação para esse resultado poderia estar na suposição de que tarefas de discriminação sejam mais fáceis do que as de identificação, uma vez que parece mais simples apontar se dois estímulos ouvidos são iguais ou diferentes do que identificar corretamente o som produzido⁹. Entre os dois testes de identificação, é possível destacar o fato de que houve uma facilidade um pouco maior na percepção do morfema *-ed* nos verbos de duas sílabas, estímulos do Bloco 3. Assim, na Tabela 4, comparam-se as médias dos resultados gerais e os desvios padrões obtidos nos Blocos 1, 2 e 3 do teste.

Tabela 4 - Médias de acertos

Bloco	Média de acertos (n°)	Desvio Padrão	Média de acertos (%)
Bloco 1	23,1	3,25	77%
Bloco 2	20,9	6,03	69,7%
Bloco 3	21,4	5,54	71,4%
TOTAL	21,7	4,94	72,4%

Fonte: Os autores (2017)

Considerando-se as três etapas do teste, os participantes atingiram em média um total de 21,7 acertos, ou seja, 72,4% de todo o teste, com uma maior variabilidade dos dados do Bloco 2 e menor do Bloco 1 (indicadas pelo Desvio Padrão). Percebe-se, portanto, que a percepção (tanto em tarefas de discriminação quanto em tarefas de identificação) de verbos no passado regular do inglês não é um problema considerável para os participantes desta pesquisa. Lembra-se que a pesquisa não testou o domínio da produção, mas em sala de aula percebia-se a dificuldade geral que os alunos tinham em produzir corretamente esses contrastes. Pode-se partir da hipótese que essa dificuldade não seja unicamente por

⁹ Uma evidência para isso seria o fato de que, em geral, as tarefas de identificação se mostraram mais eficazes que as de discriminação em treinamentos de percepção por melhorarem significativamente a percepção de contrastes não nativos e têm, por essa razão, prevalecido nos estudos mais recentes (BRAWERMAN-ALBINI, 2012).

problemas de percepção, mas por outros como falta de regras claras em relação ao uso de cada terminação, influência da grafia e influência da língua materna, uma vez que os encontros consonantais causados por essas terminações são inexistentes na língua portuguesa.

Por fim, a Tabela 5 mostra a porcentagem de acertos para cada terminação da pronúncia do morfema *-ed* nas tarefas de identificação dos Blocos 2 e 3. O Bloco 1 não é considerado nessa análise por conter tarefas de discriminação.

Tabela 5 - Resultado por terminação nos Blocos 2 e 3

	/t/	/d/	/ɪd/
Bloco 2	67.1%	67.8%	66.4%
Bloco 3	63.3%	80%	69.6%
Média	65.2%	73.9%	68%

Fonte: Os autores (2017)

Pode-se observar que a terminação com maior dificuldade de percepção é o fonema /d/, seguido por /ɪd/ e, finalmente, por /t/, diferentemente do que foi observado por Frese (2006), pois naquele estudo o maior número de acertos na percepção foi com o morfema /ɪd/.

A partir desses números, é possível refletir sobre as implicações pedagógicas desta pesquisa. Na Seção 5, essas questões serão discutidas e apresentadas as considerações finais acerca deste trabalho.

5 Considerações finais

Esta pesquisa buscou investigar a percepção do morfema *-ed* no passado dos verbos regulares do inglês, tendo como participantes alunos de um curso de Letras Português/Inglês. Os resultados mostraram que os participantes apresentaram mais acertos e menor variabilidade dos dados no Bloco 1 do teste de percepção, que consistiu em uma tarefa de discriminação. Entre as tarefas de identificação dos Blocos 2 (que continha verbos

de uma sílaba na sua forma no infinitivo) e 3 (que continha verbos de duas sílabas no infinitivo), o número de acertos foi relativamente maior para o Bloco 3, com menor variabilidade, podendo sugerir maior facilidade para a identificação do morfema *-ed* em verbos de duas sílabas. Essa possível facilidade, entretanto, não pode ser totalmente comprovada pois a diferença é muito pequena (menos de 2%). Percebeu-se, ainda, uma maior dificuldade na percepção do fonema /d/, seguindo por /ɪd/ e /t/.

Nota-se, de forma geral, um resultado positivo em relação à percepção do morfema *-ed* por esses falantes. Cabe destacar que os participantes haviam recebido cerca de 450 horas de instrução formal em língua inglesa na universidade no momento da realização dos testes e o material didático utilizado por eles enfatiza atividades de pronúncia. Os resultados ressaltam a importância do ensino explícito de pronúncia, especialmente do morfema *-ed*, como já demonstrado por Mariano (2009) e Delatorre (2014). Conforme discutido anteriormente, é uma característica de falantes brasileiros produzir a vogal epentética enquanto iniciantes no idioma (GOMES, 2014). Portanto, o ensino explícito em sala é parte importante do processo para preencher lacunas que muitas vezes existem por questões de não percepção. Ainda, tal como demonstrado por Lima Jr (2010), pequenos momentos de instrução explícita de pronúncia, contanto que específicos e significativos, são suficientes para trazerem benefícios concretos e duradouros. O autor argumenta que: “Os alunos não necessariamente precisam ter aulas de pronúncia além de suas aulas de língua, mas suas aulas de língua, se incorporarem instrução e prática fonético-fonológica consistente, explícita e específica, mesmo que por pouco tempo, trarão benefícios comunicativos.” (p.767).

Essa também é uma razão pela qual os testes e treinamentos de percepção são importantes. Conforme apontado anteriormente, acredita-se existir uma relação entre percepção e produção. Assim, com treinamentos e testes, os alunos podem assimilar as diferenças entre sons de sua L1 e da L2 que estão aprendendo e desenvolver também a produção de enunciados. Alguns treinamentos de percepção (e.g. Bradlow *et al.*, 1997; Bettoni-Techio, 2008 e Brawerman-Albini, 2012) comprovaram a eficácia de se treinar apenas o domínio da percepção na melhora da produção. Além de serem dois domínios aparentemente interligados, é possível que a falta de *input* suficiente para os alunos durante

as aulas também influencie a falha no momento da produção. Ao serem expostos a um *input* correto e significativo em treinamentos, testes ou, até mesmo, simples atividades de percepção durante as aulas de L2, os alunos podem perceber a existência e o uso dos três alomorfes do *-ed* e, então, colocarem em prática.

Com relação a esta pesquisa, aponta-se como uma limitação o fato de que este estudo trata apenas de questões de percepção. A relação entre percepção e produção não foi avaliada neste trabalho, mas utilizada para justificar a importância de estudos de percepção como este. Caberia, portanto, realizar estudos em que tanto a percepção quanto a produção dos participantes fossem analisadas e relacionadas. Seria interessante, ainda, realizar estudos longitudinais que acompanhassem o processo de aprendizagem dos alunos para verificar se a percepção desses morfemas se altera com o passar do tempo.

Referências

- ALVES, U. K. *O papel da instrução na aquisição fonológica do inglês como L2: evidências fornecidas pela teoria da otimidade*. Dissertação de Mestrado. Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2004.
- BETTONI-TECHIO, M. *Perceptual training and word-initial /s/-clusters in Brazilian Portuguese/English interphonology*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.
- BRAWERMAN-ALBINI, A. *Os efeitos de um treinamento de percepção na aquisição do padrão acentual pré-proparoxítono da língua inglesa por estudantes brasileiros*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- BRADLOW, A. R.; PISONI, D. B.; YAMADA, R. A.; TOHKURA, Y. Training Japanese listeners to identify English /r/ and /l/: IV. Some effects of perceptual learning on speech production. *Journal of the Acoustical Society of America*, 101, p. 2299-2310, 1997.
- DELATORRE, F. *Brazilian EFL learners' production of vowel epenthesis in words ending in -ed*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.
- DELATORRE, F. Production and phonological representation of simple past tense -ed by two Brazilian EFL speakers. In: RAUBER, A.S.; WATKINS, M.A.; SILVEIRA, R.; KOERICH., R.D. (Org.). *The acquisition of second language speech: studies in honor of professor Barbara O. Baptista*. Florianópolis: Insular, p. 195-220, 2010.

DELATORRE, F; BAPTISTA, B.O. The effect of long-term instruction on a Brazilian learner's pronunciation of regular verbs ending in -ed. *Revista X*, v. 1, p. 58-79, 2014.

FRESE, R.A. *The relationship between perception and production of words ending in -ed by Brazilian EFL learners*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

FLEGE, J.E. Second language speech learning: Theory, findings, and problems. In: STRANGE, W. (Ed.). *Speech perception and linguistic experience: Issues in cross-language research*, p. 233-277, 1995.

GOMES, M. L. C. *A produção de palavras do inglês com o morfema ed por falantes brasileiros: uma visão dinâmica*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

———. Passado regular em inglês: como o brasileiro pronuncia palavras com o morfema -ed. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; GOMES, M. L. C. (Org.) *O jeitinho brasileiro de falar inglês*. Campinas: Pontes, 2014.

JENKINS, J. *The Phonology of English as an International Language*. Oxford: OUP, 2000.

LIMA JR, R. M. Uma investigação dos efeitos do ensino explícito da pronúncia na aula de inglês como língua estrangeira. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 747-771, 2010.

MARIANO, M. H. *The influence of training and instruction on the production of words ending in -ed by Brazilian EFL learners*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

APÊNDICE 1

ESTÍMULOS UTILIZADOS NO BLOCO 1 DO TESTE

<i>killed_wanted</i>	<i>cleared_helped</i>	<i>sounded_painted</i>	<i>tried_killed</i>	<i>touched_changed</i>
<i>rented_picked</i>	<i>started_ended</i>	<i>looked_crossed</i>	<i>booked_closed</i>	<i>matched_rained</i>
<i>played_loved</i>	<i>counted_smoked</i>	<i>called_kissed</i>	<i>played_waited</i>	<i>talked_tested</i>
<i>died_moved</i>	<i>lived_cried</i>	<i>checked_landed</i>	<i>learned_guessed</i>	<i>walked_painted</i>
<i>waited_hated</i>	<i>tried_ended</i>	<i>showed_stayed</i>	<i>needed_wanted</i>	<i>liked_helped</i>
<i>watched_cooked</i>	<i>sounded_loved</i>	<i>stopped_asked</i>	<i>counted_stayed</i>	<i>turned_hated</i>

APÊNDICE 2

ESTÍMULOS UTILIZADOS NO BLOCO 2 DO TESTE

<i>liked</i>	<i>wanted</i>	<i>killed</i>	<i>wanted</i>	<i>changed</i>
<i>painted</i>	<i>changed</i>	<i>phoned</i>	<i>kissed</i>	<i>phoned</i>
<i>loved</i>	<i>helped</i>	<i>tested</i>	<i>hated</i>	<i>tested</i>
<i>loved</i>	<i>watched</i>	<i>helped</i>	<i>needed</i>	<i>hated</i>
<i>killed</i>	<i>needed</i>	<i>liked</i>	<i>asked</i>	<i>called</i>
<i>watched</i>	<i>painted</i>	<i>called</i>	<i>asked</i>	<i>kissed</i>

APÊNDICE 3

ESTÍMULOS UTILIZADOS NO BLOCO 3 DO TESTE

<i>relaxed</i>	<i>arrived</i>	<i>practiced</i>	<i>followed</i>	<i>argued</i>
<i>decided</i>	<i>repeated</i>	<i>decided</i>	<i>followed</i>	<i>finished</i>
<i>happened</i>	<i>argued</i>	<i>attached</i>	<i>corrected</i>	<i>invited</i>
<i>completed</i>	<i>reported</i>	<i>relaxed</i>	<i>attached</i>	<i>finished</i>
<i>corrected</i>	<i>reported</i>	<i>traveled</i>	<i>traveled</i>	<i>practiced</i>
<i>invited</i>	<i>happened</i>	<i>completed</i>	<i>repeated</i>	<i>arrived</i>